

## LEITURAS IMEDIATAS – BOMBAS SOBRE BAGDÁ E A LITERATURA DO POVO

Jerusa Pires Ferreira\*

### Resumo

O trabalho trata de produção de textos e de leituras imediatas ocorridas sob circunstância, no caso, a recente invasão do Iraque. A primeira seqüência é uma apresentação do problema e corresponde também a uma reação por parte do autor deste artigo e em seguida é enfocada a literatura popular e de folhetos. Discute-se então a resposta pronta, a hibridização, o simulacro, por parte dos poetas e produtores dessa literatura.

Aponta-se aí também a diversidade de qualidade das produções, mas constata-se em todos uma atitude comum: uma consciência atenta e possível e sobretudo o protesto diante do terrível acontecimento.

### Palavras-chave

Memória; guerra; invasão; poesia popular; leitura imediata; consciência possível.

### Abstract

*This article deals with text production and immediate readings which took place under historical circumstances, in this case, the recent Iraq invasion. The first part presents the problem and also represents an immediate reaction on the part of this author. The second provides a survey on popular literature, including booklets (folhetos). There is a discussion about quick answers, hybridization, simulacra, exercised by poets and producers of this kind of literature. Pointing to diversity we can detect, as a general attitude, a possible and vigilant consciousness, in face of the terrible happening.*

### Key-words

*Memory; war; invasion; popular poetry; immediate readings; possible consciousness.*

Entre os acontecidos e as criações populares que os veiculam, a guerra estaria sendo uma das experiências em torno da qual se reúnem conjuntos muito expressivos de criação popular, folhetos, cantorias, menções, em ciclos de textos orais/impressos que vão se sucedendo.

Foi o caso das Malvinas, na década de oitenta,<sup>1</sup> do Golfo, na de noventa, e agora, de imediato no começo deste século XXI, quando da invasão carniceira de tropas anglo-americanas pelo controle do Oriente e de seu petróleo, desta aberração internacional que violenta direitos e limites, e que alguns meios insistem em chamar de Guerra do Iraque. Como se houvesse alguma guerra, para além da resistência possível de um povo sabotado ao longo de tantos anos, sofrido e desarmado pelas exigências da ONU e de todos.

Duas cenas, entre as muitas, da construção do espetáculo televisivo e também de uma encenação da mídia me parecem, no entanto, espantosamente trágicas. A imagem estática da cidade de Bagdá, iluminada e em silêncio, esperando as bombas que caíram, afinal, também sobre as nossas cabeças. Mulheres, homens e crianças, nós mesmos, na espera angustiada do que poderia ser o derrame daquela tecnologia assassina sobre nós, sobre a história, sobre a nossa memória e a da humanidade.

O despuodor e a falta mínima de decoro daquele senhor Rumstead, sapateando por sobre os objetos num dos palácios do ditador deposto, e depois a soldadesca de sempre, pisoteando e andando por sobre os escombros da memória do mundo. Não importa quem fosse Saddam Hussein!

São imagens tão carregadas de memória que não nos permitem sequer o alívio momentâneo do esquecimento, de uma pausa que nos permita não lembrar o quanto estamos à mercê de tudo, e como é pouco o que podemos de fato fazer e dizer.

O interessante artigo de José Arbex, no livro *Porque nós brasileiros dizemos não à guerra* (São Paulo, Planeta, 2003), chama-nos a atenção para a construção midiática e os clichês que costumamos engolir quando falamos nesse caso em guerra, em conflito etc. Temos ainda o mito das tecnologias cirúrgicas, quando cirúrgicas são a digitalização e a edição eletrônica que nos apresentam imagens depuradas.

E aí se apresentam todas as questões ambíguas em conceitos como democracia e ditadura. É quando nos pergunta o articulista: Haverá no mundo ditador mais sanguinolento do que aquele que brinca de democrata na WH?

Imersos em nossas perplexidades e diante do “monstruoso morticínio” procuramos acompanhar o que se passa no território da comunicação, da criação popular e das leituras que ele imediatamente suscita. A poesia popular continua viva, em seus múltiplos matizes, alcança outros parâmetros e pode então falar de guerra como invasão, com a justeza de uma condenação sempre clara.

Surgiram e vão continuar a surgir os mais diversos folhetos, dos mais variados tipos, e por parte de diferentes poetas, em várias gradações quanto à competência da poesia tradicional ou a partir de criadores improvisados, que nos oferecem *simulacros*, a nos sugerir toda uma discussão muito interessante. Discussão sobre o ato criador, sobre a transformação das culturas tradicionais, a capacidade de interpretação do próprio tempo, a simplicidade de pensar diretamente, seja a partir de um viés emocional, seja a partir de práticas políticas inseridas nos fazeres do povo.

Acompanhamos, por exemplo, ao abordar todo um conjunto nunca exaustivo de folhetos sobre a invasão do Iraque, um outro tipo de criador que pertence ao segmento que batizamos de Cultura das Bordas. Nem é aquele mundo de saberes antigos oferecidos na linguagem de humildes poetas, nem aquele que se encontra em nossos discursos críticos.

Em geral, temos aí o poeta/pesquisador, nem sempre poeta, nem sempre pesquisador, espécie de diletante que se aproxima do mundo das culturas tradicionais, imitando-as, pretendendo se passar por um de seus intérpretes. Muitas vezes trata-se de uma adesão. Em outras, as razões são mais midiáticas ou em função de um fato especial e recente que solicita uma presença visível. Não importa. Essa transformação está prevista e, muitas vezes, a qualidade é bastante precária, do ponto de vista da realização poética.

Mas o que conta é que há vozes em percurso que, em seu conjunto, passam-nos mensagens e, de repente, pode surgir um texto bem produzido, competente. É mesmo muito oportuno constatar que “resistem” antigas pulsões criadoras, tanto que Ivanildo Villanova, um dos nossos mais importantes cantadores, vai afirmando, na capacidade justa de seu repente, os aspectos que lhe pareceram mais importantes. Notícia, glosa, discussão poética, protesto aí se realizam integrados.

Não se trata aqui de uma busca extensiva para ver quantos folhetos existem, quantas criações fazem detonar todo um processo, mas nos situamos, de fato, diante de uma virtualidade, de um corpo de expectativas e de respostas que se ativam no momento certo, no ambiente dessa literatura/leitura popular. E não existe nada mais próprio para se ativar do que a construção, a resposta contundente a esse episódio estupefacente, que nos alcançou a todos.

Encontramos (*Jornal do Comércio*, 11 de abril de 2003) um artigo de Paulo Cavalcanti Filho que nos fala do *Cordel da Injusta Guerra*, a partir do encontro desse jornalista com o cantador Ivanildo Villanova. O autor nos diz que o improviso foi gravado e transcrito, mostrando claramente a posição do poeta em relação ao sinistro acontecimento:

Em 19 de março  
Por deserto, vale e serra  
O mundo viu com espanto  
Quando começava a guerra  
Por culpa de um vagabundo  
que quer ser dono do mundo  
banhando de sangue a terra.

Encontramos aí a mistura de universos, aquele passado pela modernidade, os meios televisivos e a mais antiga possibilidade expressiva da poesia tradicional.

E nessa vida tersã  
Ouço briga com cachorro  
Ele babando de ódio  
Ela avisando não corro  
Ele é grande como o diabo  
Mas se enrosca pelo rabo.

Encontramos na seqüência aquela exibição de saber e de mestria que apela para as rimas proparoxítonas “luta antropofágica, louco messiânico, humanidade anacrônica, mostrando uma face trágica...”

E o arremate nos mostra a capacidade do improvisador, em sua resposta imediata e bem tirada, a síntese poética que se alia aos recursos sonoros. Magnífico o zumbido que emana de “Da paz o pentágono zomba”, e do término desta seqüência: “joga comida”, “sacode bomba”.

Dão bilhões à vizinhança  
Em uma causa perdida  
Potência imperialista  
Sem nenhum respeito à vida,  
Da paz o Pentágono zomba  
De noite sacode bomba  
De dia joga comida.

Além disso, os vários folhetos<sup>2</sup> acontecem das mais diversas maneiras na Bahia, em Recife, em Fortaleza, trazendo-nos a dimensão justa de uma espécie de indignação popular que explode nos mais diversos lugares.

Seria, portanto, um convite para se observar alguns títulos que surgiram nessa ocasião: *Monstro americano destrói inocentes no Iraque*; autor Guaiapuan Vieira (Ceará); *A guerra do Iraque x USA*; autor Gilberto Cavalcante (Pernambuco);

*A chegada de Lampeão no deserto Iraquiano*; autor Paulo Moura (Pernambuco). E aí é preciso que se diga que o poeta faz cruzar Lampeão com o presidente Bush.

O autor mencionado, Guaiapuan Vieira (que se diz formado em teologia) lembra que o texto de cordel geralmente pertence às classes de baixa renda (sic). No Ceará, ele nos conta, ajudou a fundar a Federação dos Cordelistas do Nordeste, que hoje preside. Nesse folheto encontramos algo como: “Que a prepotência do Buch...”.

É preciso dizer que os formatos desses textos são os mais diversos. Há os que apresentam a forma tradicional do folheto, graficamente impresso, em papel rosa ou verde, com gravuras ou clichês, e outros são feitos às pressas, em computador ou xerox, com os recursos disponíveis. É o caso de *G. W. Bush, o anjo do mal*, de João Sabino Nascimento, trovador baiano, (2003, 8 páginas). Numa movimentação através de um universo globalizado o autor nos diz que:

Enquanto os pacifistas  
vão às ruas pedir paz  
W. Bush e Tony Blair  
Parecendo dois chacais  
Querem a 3ª guerra  
*Arautos do satanás*

Se um deseja ver sangue  
O outro quer ver carniça  
Para tomar o petróleo  
Do Iraque com cobiça  
Da América vai a morte  
Do céu virá a justiça.

Utilizando um sistema de rimas bem especial (rima em iça), como no sexteto transcrito acima, o folheto vai além, chama o presidente dos EUA de emissário do capeta:

Descendente de Luzbel  
fazendo guerra ao Iraque  
Pregando paz a Israel

Evoca em seguida a guerra dos cem anos:

...Com todo aparato inglês  
Esqueceu que com a França  
só de anos foi 106

Aproveita ainda para situar a atual política brasileira

Espero que nosso Lula  
Analise, pense bem  
Não vá ajudar ao Bush  
Derrubar Saddam Hussein  
Ele hoje quer o Iraque  
Depois o Brasil também.

Defende e louva o bom senso de Jacques Chirac e chama o presidente americano de *maior ditador do mundo, governante satânico, psicopata por guerra*, convidando-nos a acompanhá-lo nessa viagem.

Tremo só de ouvir o som  
De um mirage ou um caça  
Porque sei que aquela peste  
Extermina nossa raça  
Semeando dor e morte  
Em todo lugar que passa

*Todas armas biológico* [interessante a concordância]  
Que os outros países têm  
Foi a América que vendeu  
Inclusive Saddam Hussein  
Para desarmar as dos outros  
Desarme as suas também.

...Sua meta é estar por cima  
Foi assim que destruiu  
Nagasaki e Hiroshima

E conclui o seu folheto agradecendo aos chefes de estado que recusaram a guerra.

Um outro livrinho a ser mencionado é aquele que se chama *Chirac: Liberté – égalité – (sic) fraternité*. Autor João Dantas (gravura Silas), numeração estranha das páginas.

O autor se diz ator e diretor teatral, pesquisador de folclore e poeta popular, jornalista e radialista, coordenador de Cultura do Município de Campina Grande, Paraíba. E no conjunto de informações passa até o seu e-mail. Propõe para Jacques Chirac o prêmio Nobel da Paz. Trata-se de um daqueles textos-simulacros aos quais me referi, e não apresenta qualidade poética. Interessa sobretudo como documento.

Já o folheto *A evolução do papel da China aos dias de hoje*, autor Manoel Monteiro, 16 páginas, datado de abril de 2003, oferece grande interesse. O autor se diz cordelista e nas contracapas internas faz uma proposta, espécie de documento em prosa:

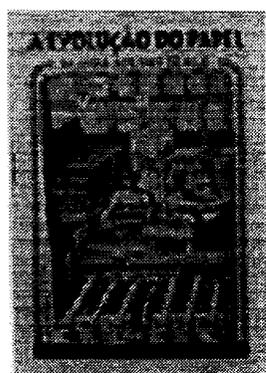
Aqui e agora encaixa-se como candidato em potencial ao título honorífico de Maior Imbecil do Mundo, um marginal [sic] que atende pelo nome de George W. Bush, cuja vitória eleitoral no seu país ainda hoje é questionada. Pois bem, esse Bush é postulante a Imbecil do Século porque se arvora de dono do mundo, e para firmar-se como tal tem mandado seu poderoso exército invadir paulatinamente países pequenos e indefesos aonde derrama bombas sobre escolas, hospitais, museus, população civil, saqueia os bens, dizendo-se libertador.

Se ontem foi o Afeganistão e hoje o Iraque, quem garante que amanhã não seremos a bola da vez?

Porque estou falando disso num folheto que trata da reciclagem do papel?

Porque tem traste que nem pra reciclar presta e Bush é um deles.

O poeta popular em sua ira contra as ações covardes (e quantas vezes não sentimos o mesmo?) tem a coragem e a clareza de conduzir argumentos irrefutáveis, apesar da personificação muitas vezes tão canhestra, de alegações em alguns momentos tão emocionais.



O fato é que este conjunto aberto ao infinito, espécie de hipertexto, importa muito, tanto no que se refere à cobertura, leitura e memória dessa invasão, como nos leva a outras possibilidades trazidas pela referência ao acontecimento imediato, do ato político à sua expressão jornalística e poética.

E mesmo aqueles livrinhos que serão apenas arremedos da grande arte popular de versejar, têm força e contam na avaliação da construção imaginária. De uma parte e da outra nos oferecem, na sua consciência possível, a potência de atitudes e de práticas políticas.

*Recebido em junho/2003; aprovado em junho/2003*

## Notas

\* Professora da ECA-USP e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde dirige o Núcleo de Poéticas da Oralidade.

<sup>1</sup> Cf. PIRES FERREIRA, Jerusa. Malvinas: a guerra & os poetas populares ou uma consciência possível do que se chama América Latina. *Revista Margem*, n. 12, pp. 161-167. São Paulo, Educ, 2000. Cf. também o texto *A consciência possível de América Latina nas edições populares*, apresentado no Colóquio Internacional Política, Nação e Edição (Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX: o lugar do impresso na construção da vida política), UFMG, 7 a 9 de abril de 2003, a ser publicado nos anais do referido Colóquio.

<sup>2</sup> Agradeço a Roberto Benjamin e a Rosângela Oliveira pelo envio de folhetos nordestinos.